

Radar Ensaio

Viriato Soromenho Marques



Fazer bem as contas

A hora da verdade aproxima-se da Zona Euro e do projeto que levou à União Europeia no seu conjunto. Até final de junho alguma coisa de extraordinário terá de acontecer, num sentido ou no outro. Se o governo alemão continuar a dirigir o rebanho europeu com a mesma mistura de determinação e falta de lucidez, assistiremos ao mergulhar da Grécia no caos. A esperança que sobra não reside na confiança em líderes esclarecidos ou visionários, mas apenas naquilo que Jean Monnet considerava ser o princípio federador da Europa: o acicate da «necessidade». A esperança que nasce do desespero, brota apenas da convicção de que ainda existe gente em Berlim capaz de fazer bens as contas totais de uma expulsão da Grécia da Zona Euro.

À BEIRA DO ABISMO – As estimativas conservadoras atingem 800 mil milhões de euros. Incluem as perdas dos credores privados e públicos internacionais da Grécia, que, ao ser obrigada a converter a sua dívida em dracmas altamente depreciados, se recusaria a honrar o pagamento aos credores internacionais, que, por contrato, esperariam ser ressarcidos em euros. A Grécia entraria num período de grande turbulência social e política. As fronteiras seriam encerradas, as importações e exportações interrompidas pela incerteza de pagamento, a banca nacionalizada, o acesso dos aforradores às suas contas severamente restringido.

A Grécia mergulharia num longo período de pleitos jurídicos com os seus credores internacionais, e não seria de admirar que as instituições democráticas ficassem entre parêntesis durante um largo intervalo de

A Alemanha tornou-se no 'quarto de pânico' de milhões de gregos, espanhóis, italianos, portugueses e outros europeus assustados com as políticas promovidas pelo governo de Berlim

exceção, com um regime autoritário. O défice alimentar dos gregos, torná-los-ia dependentes da ajuda de antigos inimigos de estimação, como os turcos, ou estratégicos, como os russos.

800 mil milhões correspondem ao dobro dos quatro programas de resgate já acordados (os dois gregos, o irlandês e o português). Mas, apesar da enormidade da cifra, ela é conservadora porque considera apenas o cenário em que o contágio será contido. A Espanha está particularmente vulnerável, com um setor bancário debilitado tanto pela bolha imobiliária como pela constante depreciação do *ranking* do Estado espanhol, que se reflete sobre a banca do país. O mecanismo de transmissão das ondas de choque do descalabro grego chamar-se-á «corrida aos bancos».

Os depositantes das nações periféricas, inseguros quanto ao futuro dos seus países na Zona Euro, levantam as suas contas e, usando as prerrogativas do artigo 63.º do Tratado de Funcionamento da União Europeia, transferem as suas poupanças para a banca alemã. Não admira que, já hoje, os juros da dívida alemã sejam negativos, abaixo da taxa estimada de inflação. A Alemanha tornou-se no «quarto de pânico» de milhões de gregos, espanhóis, italianos, portugueses, e outros europeus assustados

com as políticas promovidas pelo próprio governo de Berlim...

PARAR A BOMBA RELÓGIO – Se ocorrer um colapso bancário em Espanha, ou até numa série de países, em paralelo com a saída da Grécia, a zona euro reventará em estilhaços, e a Europa entrará numa vertigem de desordem e empobrecimento. Nem o FEEF, nem uma nova intervenção do BCE, seriam suficientes para barrar a avalanche de desconfiança no projeto europeu, que se traduz em ações de fuga de capitais dentro e fora da zona euro. Só uma firme declaração política, lida pela chanceler Merkel, tendo atrás de si todos os membros de um Conselho Europeu extraordinário, afirmando a Grécia dentro do euro, uma garantia europeia para os depósitos bancários, a compra ilimitada, pelo Eurosistema, de títulos de dívida dos países mais afetados, e a emissão conjunta para breve de títulos de dívida europeia (*eurobonds* e *project bonds*), administrados pela Comissão Europeia, numa perspetiva de desenvolvimento sustentável, só essas medidas, como primeiro passo na senda de um novo Tratado para uma União federal, democrática, e com orçamento à altura alargando o prazo das metas de austeridade, poderão evitar que uma Europa em agonia se transforme numa Europa moribunda. ▣

